

UM PONTO DE HONRA

1- Outubro de 1944

NOTICIARAM os jornais a demorada visita que alguns membros do Governo acabam de fazer ao Hospital de S. José, as impressões que dali trouxeram e as promessas que ali deixaram.

O Senhor Ministro das Obras Públicas, ao tomar conhecimento pessoal das deficiências hospitalares e da maneira como os serviços tinham de ser feitos, pronunciou esta frase que diz tudo: «isto dispensa comentários!» O Senhor Ministro do Interior, depois de verificar também a gravidade do problema, garantiu que o Governo «considerava como ponto de honra solucionar no mais curto espaço de tempo possível os problemas que mais flagelam os que necessitam de ser assistidos.»

Dissemos que a frase do Senhor Engenheiro Cuncela de Abreu dizia tudo. De facto, quem se der ao cuidado de estudar um pouco os problemas da Assistência no seu aspecto global, e for depois verificar como funcionam entre nós os diversos ramos da mesma Assistência, só pode ter opinião do Senhor Ministro das Obras Públicas: «dispensa comentários».

Quantas tragédias se podem evitar, quantas vidas podem ser salvas, quantas famílias se podem arrancar da miséria e da lama com uma assistência bem organizada e bem apetrechada que pudesse ser vigilante, pronta, completa e compreensiva! E quanto dinheiro poderia poupar-se com uma assistência preventiva, com uma assistência profiláctica, que não deixasse perder tanta energia vital à Nação.

Quantas vezes, meu Deus, verificamos chorarem lágrimas de reconhecimento só porque, não lhes podendo fazer mais nada, se acolheram com dignidade e com o carinho de uma palavra amiga e compadecida esses pobres de Cristo, tão esfomeados de pão ou de tratamento médico, como de compreensão, de fraternidade e de amor! Dezenas, talvez centenas de casos poderíamos narrar de completa regeneração de rapazes, de raparigas, de famílias inteiras, por ter havido o cuidado de fazer acompanhar um mísero auxílio material do necessário amparo moral e do respeito pela sua dignidade humana. E, ao contrário, quantos outros casos poderíamos também contar de perdas dolorosas e irreparáveis, só por não se lhes acudir a tempo de evitar o desespero, fonte de todas as ruínas, ou por não se ter querido compreender que os necessitados são homens, mesmo que tenham descido, como o filho pródigo, à baixeza de viver como os animais.

E nada existe tão aflitivo para quem deseja fazer bem ou para quem tem obrigação de fazer assistência e a quere fazer como a incapacidade em que se encontra de remediar o que poderia talvez ter tão fácil remédio. Esta incapacidade faz sofrer, faz desanimar, faz cansar quantos, por dever ou por caridade fraterna e cristã, estão em contacto com a miséria e sofrimento. A sanatorização dos tuberculosos, a hospitalização dos doentes, o internamento dos órfãos, a habitação das famílias pobres e numerosas, o amparo às mães pobres e às crianças desfinhadas por falta de ar ou de alimento, são outros tantos problemas que requerem solução.

Imaginamos, por isso, a alegria, o estímulo, o conforto que os médicos e dirigentes dos Hospitais deveriam ter sentido ao ouvir as palavras do Ministro do Interior: «o Governo considera como ponto de honra solucionar estes problemas. As palavras desse honrado militar que dirige actualmente a política da Nação são para todos uma grande esperança. Saudamo-las com alegria, certos de que vai começar uma vida nova, e que os problemas da Assistência vão ser, pouco a pouco, solucionados.»

E, às vezes, há males que se trans-

formam em bens. O facto de andarmos atrasados, permite-nos a possibilidade de fazer coisa boa, moderna, porque podemos aproveitar da experiência dos outros. Talvez que possamos agora, sem grande revolução, fazer tudo ou quasi tudo nos devidos moldes e na orientação exigida pelos novos e cristãos conceitos da Assistência.

E não deixa de haver em Portugal quem tenha visão clara do problema e quem saiba o que há a fazer. E estamos certos de que mais valores surgirão ainda, se tiverem a certeza de que seu esforço encontrará a compreensão e o apoio necessários.

Está, portanto, a Nação de parabéns. O novo governo, compreendendo a profundidade deste mal que nos aflige, fez, pela boca do Senhor Ministro do Interior, um ponto de honra resolver o problema da Assistência.

E como é o bem nacional que está em causa, e até a própria honra da Nação, não há-de haver portugueses inteligentes que não sinta alegria com tão solene promessa.

Se a Nação souber apetrechar-se industrialmente — como também foi prometido — se quiser e souber resolver o problema dos salários e da dignidade do trabalho, e o problema da Assistência, não temos dúvidas de que seremos em breve não só uma grande e próspera Nação, mas também uma Nação unida.

E se outras razões não tivessemos para acreditar nas promessas do Senhor Ministro do Interior, bastava-nos esta para crer na possibilidade de termos em breve Assistência em Portugal.

ABEL VARZIM.